



OS INDÍGENAS DA COMUNIDADE MALACACHETA E AS SUAS PERCEPÇÕES EM RELAÇÃO AO AMBIENTE

THE INDIGENOUS PEOPLE OF THE MALACACHETA COMMUNITY AND THEIR ENVIRONMENTAL PERCEPTIONS

BARROS, Keila Cinara Tomé ¹

OAIGEN, Edson Roberto ²

Resumo: A pesquisa realizada no período de 2009-2010, abordou as percepções dos membros da Comunidade Indígena Malacacheta em Boa Vista, Roraima. O entorno geográfico desta comunidade mostra acentuada presença de não-indígenas. A pesquisa valeu-se da abordagem qualitativa, baseada no método Hermenêutico que interpretou as falas, relatos e imagens. Como técnica para análise dos dados utilizou-se da Análise de Conteúdos. Os resultados indicam acentuada presença de culturas oriundas dos não-indígenas dentro da Comunidade, manifestada nas construções, materiais, artesanato, culturas, nas bibliografias e nas vestimentas e hábitos adquiridos com as imagens televisiva e similar. Aliado a tudo isso ainda se encontram hábitos da cultura típica presente no trato com as questões ambientais, tais como: destino dos resíduos sólidos, dos efluentes, das questões oriundas do uso das matas; sua preservação e recuperação.

Palavras-chave: Ambiente. Percepções. Comunidade indígena e não-indígena.

Abstract: The research addressed in 2009 and 2010, the analysis the perceptions of Malacacheta Indigenous Community in Boa Vista, Roraima. The surroundings of this community show a strong geographic presence of non-Indians. The survey drew on the qualitative approach, based on the interpretation of speeches, reports and pictures

¹ Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Roraima, Especialista em Supervisão Educacional pela Universidade Federal do Amazonas, Mestra em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Luterana do Brasil, Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Evangélica do Paraguai - reconhecido pela Universidade da Amazônia - UNAMA. E-mail: keilatb@hotmail.com.

² Licenciado em Ciências e Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cachoeira do Sul-RS, Graduado em Biologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, Especialista em Biologia Humana pela UNIENSINOS-RS, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria, Doutor em Educação pela UNICAMP de São Paulo, Pós-Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Evangélica do Paraguai. E-mail: oaigen.er@gmail.com.

taken during the investigative path. The hermeneutic method was the basis of the process, coupled with comparative and descriptive analytical method. As a technique for data analysis, the review of contents analysis. Preliminary results shows a strong presence in the Community of cultures derived from non-Indians. This is manifested in the construction, of the used materials and craftsmanship, ways of usage of crops used in the literature at schools and, above all, in habits learned from television images and similar situations. Allied to all this are still present habits of the typical culture in dealing with environmental issues such as: destination of solid wastes, effluents, the issues arising from the preservation and recovery of forests, Also it was highlighted the use of biodiversity in food, in the manufacture of medicine and in traditional Community crafts.

Keywords: Environment. Perception. Indigenous and non-indigenous community.

1 INTRODUÇÃO

A dissertação que originou este artigo investigou o tema relacionado às percepções sobre o ambiente na Comunidade Indígena Malacacheta: realidade e perspectivas diante da presença dos não indígenas, fazendo-se uma análise para buscar entender qual a visão ambiental da população indígena na referida comunidade, bem como a observação nas alterações do ambiente.

Partimos da constatação hipotética que muitas mudanças comportamentais nos indígenas são oriundas da relação do fato de estar intrinsecamente ligada ao contato de indígenas com não-indígenas e, mais ainda, que isto pode comprometer de maneira significativa a continuidade da cultura do grupo.

Na pesquisa realizada, foram analisadas as percepções sobre o ambiente natural e suas modificações na Comunidade Indígena Malacacheta, no Município do Cantá, Estado de Roraima, tomando como base a existência ou não de alterações/variações nos hábitos e costumes dos moradores da comunidade.

Neste artigo apresentamos os resultados da investigação das percepções dos indígenas da Comunidade Indígena Malacacheta em relação ao ambiente, resultados das entrevistas em relação aos indicadores: hábitos, costumes, cultura, ambiente, alimentação, produção e comercialização de alimentos, possibilitando a construção de um diagnóstico sobre a temática.

Segundo Pilleti (2002, p. 43):

Durante o longo período do paleolítico (aparecimento do homem na terra -10 mil a.C.) ele colhia da natureza os bens de que precisava para satisfazer suas necessidades, usando a caça, a pesca, a coleta de frutos, raízes e o fogo, que lhe permitia usar as plantas não comestíveis, aumentando o potencial energético a sua disposição.

Pode-se constatar que as agressões cometidas contra o meio ambiente vêm ocorrendo ao longo da história de vida humana, e que talvez, as que se apresentam em menor ordem, ocorram em decorrência, muitas vezes, da falta de informação e conhecimentos.

De acordo com Fromm apud Brasil e Santos (2007, p. 17):

Quando o homem tiver ultrapassado o estado primitivo de sacrifício humano, seja na forma ritual dos astecas ou guerra secular, quando estiver capacitado para regular sua relação com a Natureza, razoavelmente e não cegamente, quando as coisas se tiverem de fato transformado em suas servas e não seus ídolos, ele defrontará com os conflitos e problemas verdadeiramente humanos; terá de ser aventureiro, corajoso, imaginativo, capaz de sentir prazer e dor, mas seus poderes estarão a serviço da vida e não da morte.

Diante do que se lê, vê-se a necessidade de fazer com que as novas gerações percebam o quanto é preciso não repetir os erros do passado e, dessa forma, criar uma nova consciência ambiental, comprometida com a qualidade de vida de todo ser humano e com a perpetuação das espécies.

Para a melhor compreensão da inter-relação entre o homem e o ambiente é necessário se fazer o estudo da cultura, interpretando fatos, escritas, hábitos, entre outros recursos disponíveis que possam explicitar a consciência ambiental da comunidade hoje, traçando-se um paralelo com a consciência que se tinha no passado.

De acordo com Leff (2008, p. 57):

A questão ambiental não se esgota na necessidade de dar bases ecológicas aos processos produtivos, de inovar tecnologias para reciclar os rejeitos contaminantes, de incorporar normas ecológicas aos agentes econômicos, ou de valorizar o patrimônio de recursos naturais e culturais para passar para um desenvolvimento sustentável. Não só responde à necessidade de preservar a diversidade biológica para manter o equilíbrio ecológico do planeta, mas de valorizar a diversidade étnica e cultural da espécie humana e fomentar diferentes formas de manejo produtivo da biodiversidade, em harmonia com a natureza.

O Estado de Roraima não foge à regra de outros estados da Amazônia. Hoje, a sua população cresceu, aumentou o número de assentamentos de reforma agrária - embora empírico, é uma realidade - e a exploração dos recursos naturais é feita sem muito controle. É importante que a exploração ocorra, porém nos moldes da sustentabilidade, assim, emerge a busca de novos paradigmas para o processo de desenvolvimento dessas populações, ampliando o conhecimento sobre a preservação

dos recursos naturais, principalmente em comunidades indígenas e reservas já consolidadas.

A Comunidade Indígena Malacacheta, localizada na Região da Serra da Lua, compõe um grupo de dezenove comunidades indígenas, todas demarcadas em ilhas, espalhadas no território Wapichana. Essa realidade permite a instalação de fazendas em meio às terras indígenas, o que propicia uma relação de aproximação entre indígenas e não-indígenas. A Comunidade situa-se na porção Sudeste do Estado, é cortada pelo rio Quitauaú e banhada por inúmeros igarapés, alguns com denominações indígenas.

O processo histórico de ocupação das terras em todo o Brasil foi marcado pelo uso inadequado das florestas e demais formas de vegetação, provocando a degradação de grandes áreas rurais

Considerando-se muitos dos trabalhos de pesquisa realizados em Roraima sobre as questões ambientais, pode-se destacar: Meio Ambiente: análise da prática docente na Escola Estadual Indígena de Araçá-Amajari/RR (Sarmiento, 2010); Construindo e discutindo o diagnóstico sobre a realidade da Educação Ambiental nos Municípios da Região Sul do Estado de Roraima: proposição de um programa interinstitucional (Marques, 2006); Subsídios para a formação de educadores ambientais informais envolvidos na exploração de argila nas margens do Rio Branco, no Município do Cantá/RR e a Educação para o Desenvolvimento Sustentável-EDS (Cortês, 2010); Diagnóstico e concepções relacionadas à Educação para o Desenvolvimento Sustentável presentes nas ações ambientais desenvolvidas em Boa Vista/RR (Veloso, 2009), entre outros, que buscam promover a conscientização e não somente entender o que o indivíduo percebe sobre o meio em que vive, o que faz com que se desenvolva dessa forma o seu sistema de percepção e compreensão do ambiente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para que o ambiente se baseie numa filosofia de vida sustentada, é preciso preparar desde cedo as novas gerações discutindo e revendo conceitos com os mais velhos. Os professores que têm grandes oportunidades de levar esses conhecimentos aos seus alunos devem não só acreditar no que estão ensinando, mas também

praticar esses ensinamentos. Só assim, poderão transmitir esses valores com convicção, contribuindo para que todos vivam com mais dignidade.

Analisando Sauv  (2010), o conceito de Desenvolvimento Sustentável tem sido associado com a Educação Ambiental para promover modelos baseados na sabedoria da utilização dos recursos, considerando a equidade e a durabilidade.

Os educadores têm um papel estratégico e decisivo na inserção da educação ambiental no cotidiano escolar, qualificando os alunos para um posicionamento crítico face à crise socioambiental, tendo como horizonte a transformação de hábitos e práticas sociais e a formação de uma cidadania ambiental que os mobilize para a questão da sustentabilidade no seu significado mais abrangente. (Jacobi, 2005, p. 233).

É importante considerar que o conceito da Educação Ambiental foi sempre limitado   proteção dos ambientes naturais (seus problemas ecológicos, econ micos ou valores est ticos), sem considerar as necessidades dos direitos das populações associados com esses ambientes, como parte integral dos ecossistemas.

Pode-se destacar que as questões ambientais, estão presentes em todos os segmentos sociais, sendo necessário que todos se aglutinem na busca de maior qualidade de vida, auxiliando na construção e vivência deste novo desafio que é o paradigma do Desenvolvimento Sustentável.

Quando se fala em ambiente e em educação, deve-se entender a Educação Ambiental, dentro de um processo de resgate da  tica, da cultura e da política de uma economia humanizada. Devendo esses preceitos estar embutidos em qualquer forma de relação e informação que implicam em educação, fruto de um processo de ensino e aprendizagem, hoje voltados para um novo paradigma: Educação para o Desenvolvimento Sustentável.

Considera-se importante dessa forma, que a educação cumpra o seu papel como agente crítico, formador e/ou responsável por uma nova consciência politizadora, reinserindo o indivíduo em sua história, em sua cidade, em seu meio, agora como sujeito que interage num ambiente absolutamente interligado.

Nestes tempos em que a informação assume um papel cada vez mais relevante, a educação para a cidadania e diversidade representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação na defesa da qualidade de vida.

Cabe então destacar que a educação ambiental assume uma função transformadora, na qual a co-responsabilidade dos indivíduos torna-se um objetivo essencial para promover um novo desenvolvimento - o desenvolvimento sustentável. Entende-se, portanto, que a Educação Ambiental é a condição necessária para modificar um quadro de crescente degradação ambiental.

Para Ferreira e Coutinho apud Brasil e Santos (2007, p. 255):

A percepção ambiental é condicionada por fatores inerentes ao próprio indivíduo, fatores educacionais e culturais imprimidos pela sociedade e fatores sensitivos derivados das relações do observador com o ambiente. Cada indivíduo enxerga e interpreta o ambiente de acordo com o seu próprio olhar, sua própria maneira de ver o mundo, a partir de suas experiências prévias, expectativas e ansiedades.

A percepção do ambiente é um processo particular a cada indivíduo. É lançado um olhar sobre o espaço presente, o qual se volta, internalizando-se as observações e fazendo-se uma análise da realidade conferida.

Desse modo, entende-se que o conceito de ambiente tem em suas bases a existência de particularidades que são individuais.

Hannigan apud Brasil e Santos (2007, p. 258):

Caracteriza o meio ambiente como um espaço de intersecção e competição entre diferentes definições sociais e culturais. Na visão deste autor o que está em disputa são a natureza e a gravidade das ameaças ambientais e suas dinâmicas, as prioridades de uma questão sobre a outra, as formas adequadas para melhorar ou mitigar o que foi definido como problemático e as possibilidades para influenciar os detentores do poder a aceitar a responsabilidade para implantação de soluções.

Fazendo-se uma análise sobre o pensamento do autor, é impossível discordar do fato da existência de interesses que permeiam as questões ambientais. O fator econômico se sobrepõe a necessidade de manutenção da vida a partir da preservação do ambiente.

O autor ressalta que dentro da arena social, o processo de definição do que é ou não aceitável, do ponto de vista de transformações e alterações ambientais, é geralmente determinado por extensas negociações e conflitos entre grupos com interesses e percepções diversos. (Hannigan apud Brasil e Santos, 2007b, p. 259).

A questão ambiental requer algumas reflexões. Com o avanço nas últimas décadas do debate mundial acerca da questão ambiental, o tema vem ganhando destaque muito importante na sociedade, seja no meio acadêmico, via universidades, ou em entidades de ideologia político-ecológica. Além, dos órgãos públicos que funcionam representando o Estado.

Sabe-se que o problema ambiental emerge da perspectiva da apropriação e transformação da natureza de maneira espontânea, ou seja, onde a natureza é vista como efeito útil e imediato, indispensável ao acúmulo do capital. A evolução dos problemas ambientais é proporcional à intensificação da produção da natureza.

Assim, o problema ambiental se materializa através das forças produtivas, isto é, onde se dá a relação entre o homem e a natureza, ou mais especificamente, entre a força de trabalho e os meios de produção. Portanto, aqueles que integram as relações de produção é que definem as relações do homem com a natureza, momento em que os problemas ambientais se materializam.

2.1 Histórico das comunidades indígenas em Roraima

As comunidades indígenas em Roraima existem desde época não definida ainda com exatidão. A história de Roraima se confunde com a história indígena na região. Muitas etnias que existem há várias décadas ainda mantêm suas tradições culturais e ambientais, embora, já com influência do homem não-indígena.

Conforme Santos (2009, p. 141):

Na tentativa portuguesa de construir povoamentos no Rio Branco, usando como método para atingir este fim o aldeamento indígena, dois temas básicos e problemáticos se apresentaram para os agentes coloniais: um diz respeito à sedentarização dos povos indígenas e, o outro, à organização da produção nos aldeamentos, ambos relacionados entre si.

Analisando a citação vê-se que havia preocupação com a exploração da terra. No entanto, os colonizadores viam nos índios personagens não capazes de executarem as atividades necessárias. Mesmo nesta época, observa-se que o homem branco já buscava interferir na cultura, hábitos e costumes dos povos indígenas.

Segundo Santos (2009, p.146):

Na forma como se processou a ocupação no Rio Branco, observamos que o extermínio ou a expulsão dos indígenas para lugares distantes não era uma preocupação central ou explícita deste mecanismo de colonização [...] que lugar eles deveriam ocupar neste novo processo? Como sabemos não se tratava mais de aldeá-los.

A história relata nas inúmeras fontes citadas nesta pesquisa, destacando entre elas: Cirino, Santos, Freitas, Diocese de Roraima, NUHSA, entre outras, o processo de ocupação, expulsão, extermínio e outras formas ilícitas de ocupação das terras indígenas.

Na realidade, os inúmeros processos ocorridos serviram para desencadear a miscigenação de vários povos, indígenas ou não, acarretando mudanças da cultura primitiva.

Santos (2009, p. 147) relatava que “em essência, podemos dizer que ambas as agências indigenistas visavam a um mesmo objetivo: transformar os indígenas em homens civilizados, o que implicava distanciá-los de sua cultura de origem.”

Desta forma, pensavam os colonizadores que os índios poderiam ser úteis à sociedade que deveriam integrar. A escola para os colonizadores servia como meio de inserir os indígenas na sociedade não-indígena, sendo este um caminho ainda hoje utilizado. Assim, os índios passavam a ser “educados” para outros valores culturais, muitas vezes distantes dos seus de origem. Davam-lhes nomes e sobrenomes, como forma de provocar neles a sensação de pertencimento e, portanto, de identidade com os não-indígenas.

De acordo com Santos (2009, p. 140):

Como podemos imaginar, a desconstrução de uma ordem de lugar já praticada e construção de uma nova por parte dos portugueses, não poderia se processar sem resistência da parte dos que sentiam seu mundo ruir. É desta forma que compreendemos o golpe aplicado pelos indígenas nas pretensões portuguesas de aldeá-los, ocorrido em 1780 e 1781, quando, quase todos os aldeamentos foram abandonados por aqueles povos.

Verifica-se desta maneira que ocorreu uma crise naquele período, quanto ao processo de aldeamento que ocorrera no Forte São Joaquim, às margens do Rio Branco. Segundo o autor, tornou-se necessária a dispersão dos indígenas por lugares remotos, para que não voltassem ou planejassem nova revolta. Os militares à época responsabilizaram em especial os oficiais que guardavam o Forte.

Cirino (2009, p. 132) escreve que “nas primeiras décadas do século XX, teve início o processo de evangelização dos missionários beneditinos junto aos wapichanas.” De acordo com o autor, alguns missionários beneditinos estudaram a Língua Wapichana a partir do convívio com jovens índios que falavam o português, que os auxiliavam na conversão. Deu-se assim, início à evangelização dos wapichanas que, considerados dóceis, facilmente permitiram esse processo.

Outro fato relacionado aos indígenas é a atribuição de nomes e sobrenomes. Os não indígenas imprimiram nos indígenas a necessidade de os mesmos terem, além de seus nomes, sobrenomes que identificassem as famílias, tal como acontece na cultura não-indígena. Dessa forma, surgiram indígenas com sobrenomes os mais diversos, sendo bastante usado os de famílias não-indígenas que moram nas regiões próximas a comunidade.

Santos (2009, p. 133), confirmam isto quando escreve que “[...] a política oficial de assimilação da população nativa [...] tinha por objetivo a inserção destes povos no contexto da sociedade colonial portuguesa. Até mesmo os sobrenomes, o Estado ordenava que, doravante os indígenas os retirassem do mesmo quadro utilizado pelas Famílias de Portugal.”

A história dessa forma, conta com mais este fato que é advindo do convívio com os não-indígenas na região. Assim, vai se registrando a alteração na cultura desses povos, o que contribui aos poucos e cada vez mais para o comprometimento de suas identidades.

2.2A Comunidade Malacacheta

Situada na porção Sudeste do Estado de Roraima, na Região do Município do Cantá, a Comunidade Indígena Malacacheta, reconhecida por Decreto em 05/01/96, fica a 32 km da capital do Estado (Boa Vista), com acesso pela CTA 318 / BOM 384, ocupando uma área aproximada de 28.631,8258 há, tendo os seguintes limites: ao Norte, com o igarapé do Surrão e enseada do Tucumã; ao Sul, com o rio Quitauaú; a Leste com a fazenda Caiçara, e a Oeste, com as matas da Serra da Lua.

O centro da comunidade está localizado nas coordenadas geográficas N 02° 40' 04" e a W 60° 27' 14" onde fica o seu principal agrupamento de malocas, conforme mostra a figura no mapa, anexo I.

A comunidade Malacacheta está entre uma das primeiras na região a manter contato com os não indígenas devido à proximidade da cidade, portanto, é uma das malocas que mais tem experimentado mudanças na Serra da Lua.

A língua materna da Comunidade é o Wapichana, nome este também atribuído àquela etnia. Contudo, o português se tornou o idioma mais usado na Comunidade devido ter sido introduzido ali há bastante tempo.

[...] o número de falantes nas malocas Wapichana mais distantes de Boa Vista é maior, tal é o caso das malocas: Jacamim, Marupá e Wapun. Até 1998, o acesso às três malocas era dificultado pelo rio Jacamim que cortava a estrada, principalmente no período do inverno [...]. Os Wapichana da Malacacheta acreditam que as referidas malocas experimentarão um processo semelhante. (Santos, 2009, p. 224).

As informações relatadas na citação permitem afirmar que o processo de perda do código cultural no que se refere a língua materna está intrinsecamente relacionado ao contato com os não-indígenas. Contudo, é importante pensar este fato como um processo natural, pois, a localização e o acesso para a comunidade são fatores que contribuem fortemente para influências desse tipo.

No principal agrupamento de malocas, o que pode ser chamado de sede da comunidade encontra-se instalados um posto de saúde, uma escola pública estadual, um orelhão comunitário, uma quadra de esportes, um campo de futebol, um grande salão para a realização de festas e reuniões, uma igreja católica, uma igreja evangélica, a moradia do tuxaua, líder daquela comunidade e, também das outras pessoas que ali vivem.

As instalações citadas, além de rede de energia e antena de telefonia, são algumas características de ambientes urbanos que ali foram disponibilizados com o propósito de melhorar a vida das pessoas e fazer com que não necessitem de mudar-se para a cidade em busca de serviços desta natureza.

A principal atividade que traz alguma fonte de renda para aquela comunidade é o cultivo da mandioca e seus derivados, onde é comercializada a farinha, que é uma referência para a comunidade. Quanto à criação de animais, esta é incipiente, existindo apenas para o consumo.

Alguns dos indígenas daquela comunidade, principalmente do sexo masculino, prestam serviço nas propriedades particulares próximas da área de reserva. Estes têm características comuns e próprias relativas ao tempo dispensado ao trabalho,

forma de vida e comportamento.

De um modo geral, a comunidade procurar manter, repassar e difundir seus hábitos e cultura tradicional, o que pode ser observado nas cerimônias festivas como a tradicional “Festa da Damurida” que acontece todos os anos no mês de novembro, num período de três dias, onde todos os índios desta etnia, moradores da região, se reúnem em festividade de danças e rituais próprios e se alimentam da Damurida (peixe cozido apimentado) acompanhado do Caxiri (bebida feita da mandioca fermentada-cachaça).

Quanto às análises realizadas, tornou-se bastante instigante o aprofundamento das reflexões, no sentido de ampliar o conhecimento acerca das percepções sobre o ambiente naquela comunidade.

3 PESQUISA APLICADA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Na análise dos dados coletados usou-se a interpretação das respostas oferecidas pelos entrevistados, caracterizando o Método Hermenêutico, acompanhado da técnica da Análise de Conteúdos. Cada indicador constitui-se em uma categoria principal (CP). Para cada CP foi construído um conjunto de Categorias Específicas (CE), utilizando o conjunto de ideias semelhantes que se repetiam a cada CP analisada.

Para o registro e posterior análise dos dados coletados, construiu-se uma Matriz Analítica, contendo as categorias principais, acompanhada das percepções dos entrevistados. Estes dados foram registrados mantendo a grafia original constante nas respostas dos indígenas. Posteriormente, elaborou-se o conjunto de CE para cada CP. A partir daí, realizou-se o processo de análise das percepções diante dos autores selecionados e presentes no referencial teórico.

Os dados constantes na Matriz Analítica foram agrupados em categorias específicas e analisados na sequência. A análise feita reuniu as ideias mais repetidas pelos entrevistados em cada indicador, presentes na tabela 1, agora assumindo metodologicamente a figura de Categorias Principais- CP. O conjunto de ideias semelhantes em cada CP constitui-se no grupo de Categorias Específicas - CE para cada CP.

A frequência que aparece entre parênteses significa o número de vezes que a opinião foi manifestada pela amostra (35). Destacamos que na fala dos entrevistados, colocadas em *itálico*, preservamos a escrita original, com o intuito de mostrar a presença da linguagem escrita dos não indígenas na cultura dos indígenas.

A Análise das Categorias Principais e dos respectivos conjuntos das Categorias Específicas possibilita a identificação de aspectos que são determinantes nas percepções dos indígenas sobre os temas que foram objetos das entrevistas realizadas. A análise foi feita por grupo de categorias:

a) Significado de Ambiente: preservação, uso e recuperação.

A qualidade e o tempo de vida estão diretamente relacionados ao ambiente, portanto, é importante preservar, utilizando os recursos naturais de maneira sustentável como forma de garantir a existência do habitat de todos os seres. O ambiente limpo e preservado fornece todas as condições saudáveis de sobrevivência.

Pode-se falar da preservação da natureza como sendo algo vital para a humanidade, mas se o Homem não perceber, entender e repensar suas relações com o Meio Ambiente, e dar outro sentido a importância que tem o Meio Ambiente em sua vida, sua compreensão sobre este fato será incompleta, pois lhe faltará uma dimensão básica da compreensão: a vivência e o contato com a natureza, percebendo, sentindo, explorando e, sobretudo vivenciando este reconhecer. (Matarezi, 2000, p. 5).

Em se tratando dos indígenas entrevistados, observamos que vinte e sete consideram de maneira comum que *é importante preservar o meio ambiente porque nós estamos vivendo num tempo em que tudo é poluído. Existe muito lixo que vem prejudicar a vida de todo mundo. Se não tiver cuidado agora, depois não terá mais jeito de recuperar o que foi perdido.* (indígenas da Comunidade Indígena Malacacheta, 2010).

Quanto aos não-indígenas moradores da região é possível constatar que a preocupação com o ambiente é bastante evidente, sendo expresso esse sentimento por onze pessoas, o que significa mais da metade dos entrevistados. De maneira geral conceituam o *ambiente como todos os espaços do planeta ou ainda o local onde se vive.*

Tanto os indígenas quanto os não-indígenas pesquisados consideram importante preservar o ambiente, entendendo que essa é a única maneira de garantir a continuidade da vida de todos os seres.

b) Destino final dos resíduos sólidos.

Uma grande parte dos resíduos sólidos é despejada pelos indígenas longe de casa, enquanto que outra parte, numa proporção quase que igual, é despejada num buraco no quintal, cavado para este fim, e depois queimada. Um número bem pequeno desta população faz a reciclagem desses resíduos.

O lixo, ou disposição de resíduos a céu aberto, caracteriza-se como uma forma de disposição final inadequada; traz como consequência uma série de impactos negativos, sendo totalmente condenável do ponto de vista sanitário, ambiental e social. (Phillipi JR., et al, 2009, p. 208).

Uma vez contaminado, o solo passa a ser um risco à saúde das pessoas. O destino que vem se dando aos resíduos sólidos dentro da comunidade, remete à preocupação com a saúde de todos.

Em se tratando dos não-indígenas, nove de um total de vinte pesquisados acondicionam o lixo e levam para a cidade. Estes certamente possuem transporte que possibilita carregar esses resíduos.

Outra parte dos pesquisados (seis) também já têm o hábito de jogar em um buraco afastado de casa e queimar quando é possível.

Os não-indígenas, assim como os indígenas, reconhecem que o lixo é um problema para todos. Contudo, não conseguem apontar uma solução ambientalmente correta para essa questão.

Alguns dos não-indígenas entendem que o correto é fazer o transporte desses resíduos para a lixeira de Boa Vista, capital do Estado. Porém, nem todos têm condições de estar carregando o lixo para a cidade, o que faz com que o problema persista e continue a espera de uma solução.

c) Destino final dos efluentes.

Observou-se que dezesseis dos moradores indígenas entrevistados na Comunidade Malacacheta fazem o despejo direto no solo, e outra parte quase que igual, destina para fossa. Um número menor de pessoas (cinco) separa a água das pias e chuveiro, deixando essas escorrerem direto para o solo, enquanto que as do vaso sanitário são canalizadas para as fossas. “Os esgotos domésticos, tratados ou não, quando lançados no corpo de água, irão provocar alteração nas suas características físicas, químicas e biológicas.” (Phillipi JR., et al, 2009, p. 185).

O lançamento inadequado de esgoto sanitário e outros efluentes no solo podem provocar a poluição tanto deste, quanto das águas subterrâneas, deixando essa área de disposição contaminada e a água imprópria para uso. O uso da água contaminada

poderá se constituir num problema de saúde com efeitos graves.

Quanto ao tratamento que é dado ao destino final dos efluentes por parte dos não-indígenas, verifica-se que dezoito dos entrevistados despejam direto na fossa, sendo que cinco pessoas despejam uma parte destes (água da pia e chuveiro) no quintal.

Importante se faz lembrar que o acúmulo de água em determinados locais pode favorecer o aparecimento de mosquitos e conseqüentemente de doenças por eles transmitidas. No depoimento dos entrevistados, destacamos que *“certo que da pia e da máquina de lavar roupas é no quintal, do banheiro (chuveiro e sanitário) é na fossa.”*

A construção de fossas sépticas é, portanto, a medida mais correta para a resolução deste problema existente entre os não-indígenas e mais evidenciado ainda entre os indígenas pesquisados.

d) Aproveitamento dos recursos naturais: alimentação e medicina.

No que se refere à alimentação dos indígenas retirada de forma direta da natureza, constatou-se através da pesquisa um grande consumo de peixes, animais de caça e macaxeira utilizada para fazer a farinha e o beijú.

Frutas nativas da região como buriti, açaí, murici, abacaba e até mesmo outras (exóticas), como a banana, manga e goiaba são bastante consumidas pelos indígenas. Vegetais comestíveis, como abóbora, batatas e pimentas, também são bastante consumidos na comunidade. “Nossa comida é um importante meio de prevenir e curar doenças. Se nossos males são em grande parte provocados pela boca, é simples intuir que poderão também ser amenizados pela boca.” (Balbach; Boarim, 1992, p.7).

De acordo com os autores, cultivar hábitos saudáveis é primordial para uma boa saúde. Se nos alimentamos bem, seremos pessoas saudáveis sempre. É preciso então cultivar hábitos saudáveis e para isso, aproveitar o que a natureza pode oferecer.

Com relação às plantas medicinais, estes fazem bastante uso do que a natureza lhes oferece. A entrecasca do caimbé e do cajueiro são cicatrizantes; a salva do campo serve para gripe, pressão alta, sendo também calmante; o olho da goiabeira e do araçá combatem a diarreia; o boldo é utilizado para má digestão e dor de cabeça. Outras folhas e raízes aparecem como medicamentos, porém, em menor proporção.

Isso pode ser comprovado na fala do pesquisado indígena de número 33 que diz: *“a medicina são as medicina tradicional que nos aproveitamos. como: ervas e*

outros tipos de medicinas.”

Para os indígenas além de algumas plantas servirem de remédio, não há nenhum custo para adquiri-las. Inversamente, o custo para a aquisição de determinados remédios industrializados, pode inibir o consumo. Da mesma forma ocorre com alguns alimentos. “O uso das plantas, exceto naturalmente as venenosas, não prejudica o organismo, antes o beneficia, purificando-o e curando-o de algumas doenças. (Balbach, 1993, p. 7).

Ao contrário do que se vê com a ingestão de remédios da indústria farmacêutica, que muitas vezes em pequenas ou grandes doses, por períodos indeterminados, causam a intoxicação e em muitos casos pode deixar graves sequelas para toda a vida da pessoa, a utilização de remédios naturais não leva à esse risco.

Os não-indígenas, em se comparando aos indígenas, ingerem uma quantidade maior de alimentos industrializados e fazem menor uso da medicina natural, fato esse que significa o aumento do consumo de remédios da indústria farmacêutica.

O permanente contato com os familiares moradores da cidade contribui bastante para essa realidade observada. Contudo, alguns dos pesquisados dão preferência aos alimentos e remédios naturais.

Destacamos que os não- indígenas também sofrem influência dos indígenas, pois, conforme o depoimento de um dos entrevistados, o mesmo afirma que “*nos alimentamos de alguns animais de caça e de frutas. Plantamos hortaliças e frutas para o consumo e trazemos também muitos alimentos da cidade. Utilizamos a medicina da cidade e natural.*”

Desta maneira, o objeto da pesquisa também obteve dados que mostram a influência recíproca das culturas, hábitos e comportamentos estudados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere ao objetivo que investigou as percepções dos indígenas da Comunidade Indígena Malacacheta quanto aos saberes existentes em relação ao ambiente, encontraram-se respostas significativas que possibilitam concluir que o ambiente preservado sempre foi preocupação dos indígenas da comunidade.

Dentro dos saberes transmitidos de geração em geração pode-se observar a preocupação com o manejo dos resíduos sólidos e dos efluentes, aliados aos cuidados com a utilização racional da natureza para o uso de seus frutos na alimentação e medicina.

Quanto à solução para os problemas ambientais, observa-se que ainda ocorrem ações que perpetuam a cultura da comunidade em estudo, ao mesmo tempo em que também se registra a intervenção do não-indígena nos hábitos, costumes e cultura da comunidade e no contexto loco - regional.

Na análise da cultura tradicional da Comunidade Indígena Malacacheta, usando a técnica da observação *in loco* e da leitura de imagens, verificou-se mudanças nas características típicas da comunidade.

Para que de fato o ambiente seja entendido como a inter-relação da vida é necessário que a comunidade perceba que faz parte de um todo, onde as pessoas devem estar interessadas na solução e/ou minimização dos problemas ambientais diagnosticados, lembrando sempre que estamos dentro de um ciclo ecológico e que por isso, qualquer agressão que se faça hoje à natureza, as consequências no futuro serão sentidas por esse feito.

Assim sendo, com base nos resultados obtidos, verifica-se que o que está faltando para os indígenas e não-indígenas é somente colocar em prática os conhecimentos existentes relativos aos cuidados acerca do meio ambiente, de maneira que todos assumam verdadeiramente uma postura ambiental, voltada para a promoção da vida.

A investigação dos hábitos, dos costumes, da cultura, do ambiente, da alimentação e da produção e comercialização de alimentos dos indígenas na comunidade estudada, indica que o processo de desenvolvimento, por mais lento que seja, é uma realidade, contudo, deve ser buscado em conjunto com a preservação do meio ambiente, em prol das gerações presentes e futuras.

Verifica-se a presença da cultura e hábitos dos não-indígenas na vida diária da comunidade. É preciso repensar ações, valores, sensibilizar e, por fim, chegar a mudanças de comportamento ao tornar-se consciente do que é necessário estar se fazendo para melhorar a qualidade de vida. Tudo isto depende das percepções que se tem sobre o ambiente.

REFERÊNCIAS

BALBACH Alfons; BOARIM Daniel S. F. **As frutas na medicina natural**. 2.ed. Itaquacetuba: Missionária, 1992.

BALBACH Alfons. **As plantas curam**. Itaquacetuba: Missionária, 1993.

BRASIL Ana Maria; SANTOS Fátima. **Equilíbrio ambiental e resíduos na sociedade moderna**. 3.ed. São Paulo: FAARTE, 2007.

CIRINO, Carlos Alberto Marinho. **A “Boa Nova” na Língua Indígena**: contornos da evangelização dos Wapichanas no Século XX. Boa Vista: UFRR, 2009.

CORTES, I. C. **Subsídios para a formação de educadores ambientais informais envolvidos na exploração de argila nas margens do Rio Branco, no município do Cantá/RR e a Educação para o Desenvolvimento Sustentável-EDS**. Dissertação de Mestrado, 2010. ULBRA, PPGECIM, Canoas, RS.

GALIAZZI, Maria do Carmo. **Educar pela pesquisa**: ambiente de formação de professores de ciências. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

GAMBOA, Silvio Sanches. **Pesquisa em educação**: métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 2007.

JACOBI, P. R. **O desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo**. Tese de Doutorado in Educação Ambiental Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005.

LEFF, Henrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARQUES, A. L. **Construindo e discutindo o diagnóstico sobre a realidade da Educação Ambiental nos municípios da região Sul do Estado de Roraima**: proposição de um Programa Interinstitucional. Dissertação de Mestrado, 2006. ULBRA, PPGECIM, Canoas, RS.

MATAREZI, J.; MÁXIMO, M. **Educação ambiental, o conceito de meio ambiente e a nossa visão de mundo**. Anais do Simpósio Gaúcho de Educação Ambiental. Erechim (RS). URI, 14 a 18 de agosto de 2000.

PHILIPPI Jr, A.; PELICIONI, M.C.F. **Educação ambiental e sustentabilidade**. Barueri: EDUSP, 2009.

PILETTI, Cláudio e Nelson. **História e vida**: da origem da humanidade à Idade Média. 25.ed. São Paulo: Ática, 2002. v. 3.

SANTOS, N. P. D. et al. **Amazônia**: espaço, cultura e visões de mundo. Boa Vista: UFRR, 2009.

BARROS, K. C. T.; OAIGEN, E. R. Os indígenas da Comunidade Malacacheta e suas percepções em relação ao meio ambiente. **RGSN - Revista Gestão, Sustentabilidade e Negócios**, Porto Alegre, número especial 2, p. 131-149, nov. 2024.

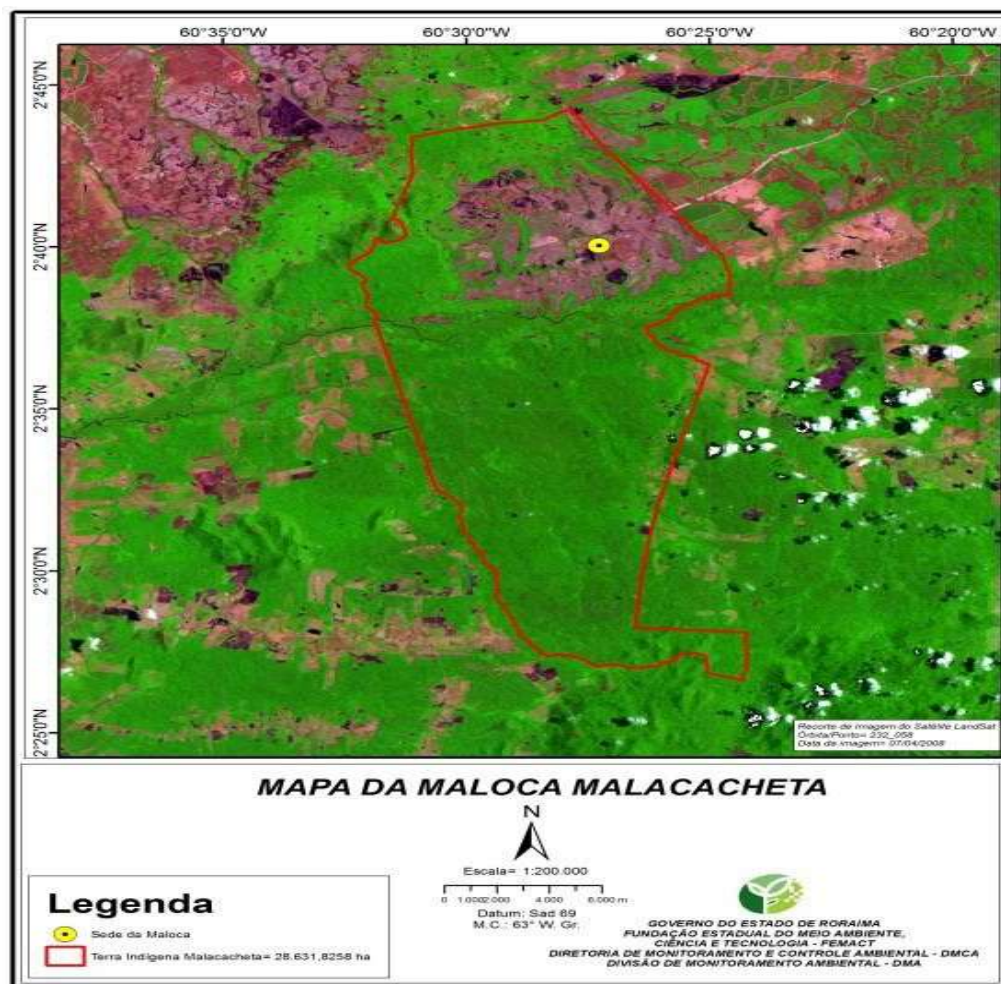
SARMENTO, E. F. **Meio ambiente**: análise da prática docente na Escola Estadual Indígena de Araçá-Amajari/RR. Dissertação de Mestrado. ULBRA, PPGECIM, 2010, Canoas, RS.

SAUVÉ L. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável**: uma análise complexa 1. Página 1. Acesso, 20/10/2010.

VELOSO, M. S. S. O. **Diagnóstico e concepções relacionadas à Educação para o Desenvolvimento Sustentável presentes nas ações ambientais desenvolvidas em Boa Vista/RR**. Dissertação de Mestrado, ULBRA, PPGECIM, 2009, Canoas, RS.

ANEXO I

Figura 1 - Mapa de localização da Comunidade de Malacacheta



ANEXO II

Conjunto de categorias específicas (CE) para cada categoria principal, contendo o total de opiniões dos respondentes.

CP Nº	INDICADORES	CATEGORIAS ESPECÍFICAS
CP 1	Ambiente na visão dos indígenas	CE 1.1 Uso do ambiente de forma sustentável: recuperar e preservar (14); CE 1.2 Importante preservar o ambiente para a vida (13); CE 1.3 Evitar doenças com alimentação e saúde (12); CE 1.4 Preservar garante o habitat dos seres vivos e o
	Ambiente na visão dos não-indígenas	equilíbrio (11); CE 1.5 Poluição prejudica a vida (10); CE 1.6 Qualidade e tempo de vida (09). <i>CE 1.1 Necessita de cuidados/preservação para a vida (11;)</i> <i>CE 1.2 Local onde vivemos (9);</i> <i>CE 1.3 Todos os espaços do planeta constituem ambiente (7);</i> <i>CE 1.4 Estabelece relações e cuidados entre os seres vivos (3);</i> <i>CE 1.6 Uso dos recursos promove desenvolvimento e crescimento local (2).</i>
CP 2	Destino final dos Resíduos Sólidos na visão dos indígenas	CE 2.1 Joga no buraco no quintal e queima (13); CE 2.2 Joga longe de casa (11); CE 2.3 Joga no buraco e não queima (08); CE 2.4 Recicla/separação (03).
	Destino final dos Resíduos Sólidos na visão dos não-indígenas	<i>CE 2.1 Levado para os lixeiros de Boa Vista (9); CE 2.2 Jogado em buraco afastado da casa (6); CE 2.3 Recolhido em sacolas plásticas (3);</i> <i>CE 2.4 Parte é queimada (3).</i>
CP 3	Destino final dos efluentes na visão dos indígenas	CE 3.1 Joga no terreno/quintal (16); CE 3.2 Vai para a fossa (15); CE 3.3 Água da pia para o solo e do vaso para a fossa (05).
	Destino final dos efluentes na visão dos não-indígenas	CE 3.1 <i>Despejados na fossa (18);</i> CE 3.2 <i>Parte no quintal (5).</i>
CP 4	Aproveitamento dos Recursos Naturais (alimentação e medicina) na visão dos indígenas.	CE 4.1 Peixe, caças e farinha (22); CE 4.2 Patuá, caxiri, goma, carimã, tapioca, beijú, buriti, abóbora, cará e pimenta (13); CE 4.3 Banana, macaxeira, manga, laranja, abacaba, açaí (10); CE 4.4 Salva do Campo (08); CE 4.5 Boldo (07); CE 4.6 Copaíba, Caimbé, Jatobá, Língua de Pirarucú, Crajirú e Pião Roxo (06).
	Aproveitamento dos Recursos Naturais (alimentação e medicina) na visão dos não-indígenas.	<i>CE 4.1 Utilizamos poucos remédios naturais (14;)</i> <i>CE 4.2 Não fazemos uso da medicina natural/ usamos medicina convencional (6);</i> <i>CE 4.3 Plantamos fruteiras, plantas medicinais e hortaliças para o consumo (6;)</i> <i>CE 4.4 Comemos animais de caça e frutas(3); CE 4.5 Muitos alimentos industrializados (11).</i>